

# A educação em Florestan Fernandes

Débora Mazza

**Como citar:** MAZZA, Débora. A educação em Florestan Fernandes. *In* : TOTTI, Marcelo Augusto (org.). **100 anos de Florestan Fernandes** : legado de ciência e militância. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2022. p. 17-28. DOI: <https://doi.org/10.36311/2022.978-65-5954-298-7.p17-28>



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-No comercial-Sin derivados 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

# A EDUCAÇÃO EM FLORESTAN FERNANDES

*Profa. Dra. Débora Mazza<sup>1</sup>*

Gostaria de iniciar agradecendo o convite que me foi feito para participar do **I Encontro sobre o Pensamento Social Brasileiro da FFC/Unesp/Marília “100 anos do nascimento de Florestan Fernandes”** e parabenizar a UNESP Campus de Marília, a Faculdade de Filosofia e Ciências, o Departamento de Sociologia e Antropologia e a Linha de Pesquisa Pensamento Social Brasileiro, através da pessoa do Prof. Marcelo Totti, com quem mantenho contato desde 2015 quando fui convidada pelo Centro Acadêmico Florestan Fernandes para participar da **I Semana Florestan Fernandes**. Agradeço a todo/as que nos apoiam e participam remotamente.

Cumprimento também a Prof. Fabiana de Cassia Rodrigues, minha querida colega de trabalho, pesquisadora de Florestan e que divide comigo essa mesa.

---

<sup>1</sup> Docente da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Faculdade de Educação (FE), Departamento de Ciências na Educação (DECISE), membro do Grupo de Estudos e Pesquisas em Políticas, Estado e Sociedade (GPPES), Pesquisadora PQ CNPq.

<https://doi.org/10.36311/2022.978-65-5954-298-7.p17-28>

O tema que nos foi proposto é **A educação em Florestan Fernandes**, assim, circunscrevi a minha reflexão fazendo uma circunferência em torno destas duas variáveis: Educação e Florestan.

A meu ver, as experiências mais radicais de Florestan, as instituições mais marcantes, foram a sua classe social, o cenário urbano periférico da cidade de São Paulo, a formação escolar, muitas vezes interrompida, e a Sociologia enquanto um campo disciplinar e profissional.

A cidade de São Paulo, a experiência escolar e o olhar sociológico interromperam o ciclo da herança cultural restrita, ampliaram as disposições familiares e as heranças de classe, promoveram um giro pessoal político profissional e uma mobilidade social sem que, no entanto, Florestan se envergonhasse e apagasse as suas origens de classe, aburguesasse seus costumes, debandasse para uma visão conformada, acomodada e indiferente diante das duras condições de existência dos de baixo. Ele se assume como alguém que vem de baixo e diz: “A criança estava perdida nesse mundo hostil [...] Éramos varridos pela tempestade da vida [...] Todos nós éramos rústicos e desenraizados [...] e estávamos aprendendo a viver na cidade.” (FERNANDES, 1976a, p. 142- 144).

Entendo que o sentido construído por meio de sua forma de inserção neste mundo urbano peculiar riscou com um fio vermelho:

- As problemáticas de pesquisa,
- As escolhas eletivas dos grupos sociais pesquisados
- O exercício da docência
- A radicalidade do pensamento
- A militância político partidária
- E a luta em defesa da escola pública

A compreensão que Florestan afere à educação vinca uma certa sensibilidade ao corte sociológico.

Florestan não foi inédito, ele se banhou em uma pauta encampada por Lourenço Filho e Anísio Teixeira desde as décadas de 1920 e 1930 quando participaram das reformas dos sistemas regionais de ensino no Ceará (1922-1923), na Bahia (1924-1929), em São Paulo (1930-1931) e no Distrito Federal (1931-1935). Foram signatários do Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova (1932) e, a partir dessas experiências exploraram desenvolver pesquisas sistemáticas sobre os problemas nacionais vinculando-os com a situação de ensino.

Nas décadas de 1950 e 1960 Anísio Teixeira acumula cargos e funções na Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES 1951), no Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (INEP/1952 a1964), cria o Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais (CBPE/1955), os Centros Regionais de Pesquisas Educacionais (CRPE/1956) (Porto Alegre, Belo Horizonte, Salvador, Recife e SP), e põe em marcha uma pauta desenhada no documento de fundação do INEP, em 1937. Contando com esta ossatura institucional, as décadas de 1950 e 1960 promoveram continuidades e discontinuidades que influenciaram a formação e inserção profissional de Florestan. Ela criava interfaces entre: o diagnóstico das tendências de desenvolvimento de cada região e da sociedade brasileira como um todo, a superação dos estudos sociais realizados por intelectuais brasileiros a partir de uma tradição bacharelesca e autodidata, o desenvolvimento das ciências sociais, o equacionamento de separatismo deixados pelo movimento revolucionário de 1930 e a “[...] tomada de consciência científica e crítica sobre os processos de mudanças sociais.” (COSTA PINTO; CARNEIRO, 1955, p. 16).

Costa Pinto e Edson Carneiro (1955) realizaram, a pedido de Anísio Teixeira, um estudo sobre “As ciências sociais no Brasil”, e produziram um relatório que traça um panorama geral dos problemas sociais destacando: a necessidade de tomada de consciência da mudança estrutural em curso, a urgência das ciências sociais cumprirem a tarefa de analisar, compreender e transformar a situação social e cultural brasileira e o papel da educação na reconstrução nacional visando a formação de mão de obra qualificada, inclusive dos cientistas sociais, a emergência de uma educação popular e o

fim de uma educação voltada para os grupos privilegiados. A ideia central de Anísio é incorporada ao relatório: Educação não é privilégio.

Florestan Fernandes se relacionou organicamente com estas discussões, atores e instituições desde os projetos preliminares de criação dos Centros Brasileiro e Regionais de Pesquisas Educacionais, dos quais foi parecerista (FERNANDES, 1966, p. 565-578) e articulador do CRPE SP (FERREIRA, 2006).

As questões transversais em sua obra constam no relatório de Pinto e Carneiro (1955) e dizem respeito a:

- Quem são os atores impulsionadores das mudanças sociais?
- Quais os rumos e o ritmos das mudanças nas diferentes esferas da vida social - Qual o sentido da mudança social na vida dos diferentes grupos que compõem esta sociedade tão extensa, diversa e desigual?
- Quem são os grupos que verdadeiramente se beneficiam com as mudanças sociais em curso?

Não por acaso, os estudos de Florestan se voltam para: crianças, índios, negros, trabalhadores urbanos, América Latina, subdesenvolvimento, ordem democrática inacabada, Brasil e autocracia.

A mudança social é uma obsessão recorrente nos seus escritos e podemos trazer vários exemplos:

- Os estudos sobre o folclore foram reunidos em um livro intitulado *Folclore e mudança social na cidade de São Paulo* (FERNANDES, 1979a),
- Suas pesquisas sobre a sociedade Tupinambá produzem, a meu ver, dois textos de sínteses intitulados “Notas sobre a educação na sociedade Tupinambá” (FERNANDES, 1975a, p. 33- 83) e “A ciência aplicada e a educação como fatores de mudança cultural provocada” (FERNANDES, 1976b, p. 160- 219). Estes dois artigos podem ser lidos de modo espelhados pois em um Florestan descreve a função ocupada pelas práticas educativas numa formação

societária tradicionalista, sagrada, fechada e gerontocrática e no outro Florestan aponta o significado e a função que a educação e a escolarização podem desempenhar em uma sociedade de classes, secular, em processo de mudanças e marcada por rumos e ritmos desalinhados que podem ou não desembocar na ordem democrática. A educação poderia neutralizar os efeitos negativos do passado arcaico e provocar atitudes e motivações favoráveis para o progresso econômico, desenvolvimento social e participação política.

Esta linha de pensamento é explorada de modo intenso no livro *Mudanças sociais no Brasil* (FERNANDES, 1979b) que reúne artigos das décadas de 1940 a 1970 e apresenta reflexões sobre a industrialização no Brasil, a democracia, a colonização portuguesa, a cidade de São Paulo, os ciclos econômicos e a Revolução Constitucionalista.

As pesquisas sobre relações raciais no Brasil, que contaram com a participação de Florestan, apontam para este mesmo imbricamento. Elas constam no relatório de Costa Pinto e Edson Carneiro como estudos que mudaram o foco da assimilação do negro à sociedade brasileira para estudos sobre “os processos de interdição da integração na sociedade e sobre as mudanças em processo no padrão das relações raciais no Brasil” (COSTA PINTO; CARNEIRO, 1955, p. 56).

No entanto, Florestan radicaliza e politiza esta agenda e na virada da década de 1950/60 agrega às suas frentes de trabalho de ensino, pesquisa, militância e publicista, as lutas em prol da Educação pública como componente de responsabilidade cívica na construção, no alargamento e esgotamento da ordem democrática.

Foi uma luta inglória e depois da derrota do processo de aprovação da LDBEB 4024/1961, Florestan escreve sobre *A conspiração contra a escola pública* (1966, p. 345- 537), e diz

O enfrentamento e a solução do dilema educacional é condição de superação da posição de atraso do Povo, do subdesenvolvimento e da dependência [...]

Existe um ostensivo apego a uma mentalidade que desdenha da educação popular, teme a democratização do ensino e se opõe a expansão da rede de escolas públicas. O Senado (quando vota contra a exclusividade dos recursos públicos para as escolas públicas) exprime o estado de espírito mais consolidado e geral das camadas dominantes; impõem-se, portanto, organizar uma campanha e uma luta demorada e difícil. Os males que precisamos combater são por demais arraigados e só desaparecerão mediante uma alteração profunda da mentalidade média do brasileiro. Teremos que dotá-la de um órgão regular, uma Sociedade para o progresso da educação popular. (FERNANDES, 1966, p. 348).

Isto não significa que Florestan considerasse a nossa rede escolar, os nossos métodos de ensino e a postura dos professores/as excelentes, pelo contrário, ele aponta que:

O esforço de reconstrução educacional requer uma verdadeira revolução em nossa rede escolar, em nossas técnicas e hábitos educacionais, na mentalidade dos nossos educadores e no modo pelo qual a pessoa comum define a importância da educação escolarizada. [...] É preciso uma imensa revolução para ajustar quantitativa e qualitativamente, às funções que as escolas brasileiras precisam preencher na nova ordem econômica, política e social. Temos de voltar, corajosamente, as costas para o passado, e introduzir no nosso meio novas técnicas e práticas educacionais, mais consistentes com a democratização de garantias sociais, a modernização da tecnologia e da economia e a própria dinâmica da sociedade de classes. Teimamos em preservar modelos de organização das escolas e padrões de avaliação do ensino de uma era em que a educação escolarizada se destinava a elites de composição rala, altamente fechadas, privilegiadas e egoístas. Ora, uma coisa é a educação de elites e para as elites; outra, bem diversa, é a educação do Povo para o Povo. [...] não existem formulas mágicas... precisamos de um sistema educacional aberto para todos. (FERNANDES, 1966, p. 349).

E denuncia: “Estamos dentro de um perfeito ciclo vicioso. Em vez de polarizar a ordem democrática, o legislador se apega a concepções e

valores do antigo regime. Daí resulta um beco sem saída.” (FERNANDES, 1966, p. 350).

A revolução que Florestan vislumbra não estava circunscrita à escola, ele diz no artigo “A geração perdida” (FERNANDES, 1976a, p 213- 252) que sua geração tinha “[...] uma obsessão política que nascia da cultura e gravitava dentro dela, irradiando-se para os problemas da época e os dilemas da sociedade.” (FERNANDES, 1976a, p. 217). Entretanto, como o horizonte cultural era ideologicamente limitado e excludente e as elites dominantes se apropriaram privadamente do Estado republicano conservando seus privilégios restavam poucas brechas para fazer avançar as mudanças sociais e a escola pública era uma dessas brechas.

Em uma carta escrita em Toronto para Bárbara Freitag, em 1971, Florestan avalia seu envolvimento com a luta pela escola pública nas décadas de 1950/60 e diz:

Estava engajado numa merda de uma política pequeno-burguesa [...]. Um punhado de intelectuais, estudantes, líderes sindicais e políticos de esquerda, tentando enfrentar a avalanche da fome católica pelo controle das consciências e dos setores conservadores pela destruição da escola pública independente. Naquela situação, recorri aos pressupostos do Estado democrático. Uma maneira de fazer a crítica moral, que desarma os inimigos e cria aliados. (FREITAG, 1996, p. 152).

Ainda na *A conspiração contra a escola pública* (FERNANDES, 1966) ele conclui:

Os países subdesenvolvidos são os que mais dependem da educação como fator social construtivo. Eles precisam da educação para mobilizar o elemento humano [...] para alargar o horizonte cultural [...] formar novos tipos de personalidade, fomentar novos estilos de vida, incentivar novas formas de relações [...] expandir a ordem social democrática. Todavia, esses países não encontram, na situação sócio cultural herdada, condições que favoreçam essa compreensão. [...] -Ninguém deve esperar que a solução dos problemas educacionais brasileiros pressuponha, por si mesma, a solução dos demais problemas que nos afligem. Ela representa



apenas uma condição essencial, para que tais problemas tenham condições de ser enfrentados [...] Em vários episódios sucessivos [...] desde a abolição da escravidão, a universalização do trabalho livre, a proclamação da República, as sedições político-militares, a industrialização e urbanização, nunca se tentou ajustar o sistema nacional de ensino [...]. As novas escolas continuam a ignorar as ideias e os alvos da educação popular numa sociedade desigual. Elas seguem cuidando de instigar nos espíritos atitudes conformistas. (FERNANDES, 1966, p. 351- 353).

No livro *A Sociologia numa era de revolução social* (FERNANDES, 1963), Florestan retoma o tema da mudança social e diz:

Nos modernizamos por fora e com frequência o verniz não aguenta o menor arranhão. É uma modernidade postiça, que se torna temível porque nos leva a ignorar que os sentimentos e os comportamentos profundos da quase totalidade das pessoas cultas se voltam contra a modernização. [...]. Estamos aconchegados em um nicho que confere segurança, conforto e prestígio, aquilo que se poderia chamar de círculos sociais privilegiados da Nação. Se houvesse verdadeiro patriotismo e autêntico desejo de conservar, esses círculos voltariam suas responsabilidades na direção mais ativa: impunham-se o dever de tornar a segurança, o conforto e o prestígio acessíveis a números cada vez maiores de pessoas, até atingir-se a totalidade dos cidadãos. (FERNANDES, 1963, p. 204-206).

Entre as décadas de 1960/70 Florestan inicia e conclui *A revolução burguesa no Brasil* e faz um diagnóstico ardiloso da situação brasileira dizendo:

As burguesias sob o capitalismo dependente e subdesenvolvido detêm um forte poder econômico, social e político; possuem o controle da maquinaria do Estado nacional, e contam com o suporte externo para modernizar as formas de socialização, cooptação, opressão ou repressão inerentes à dominação burguesa. Torna-se assim, muito difícil deslocá-las politicamente através de pressões e conflitos mantidos “dentro da ordem”, e é quase impraticável usar o espaço político assegurado pela ordem legal, para fazer explodir

as contradições de classe. [...]. A burguesia não está lutando para consolidar vantagens relativas ou para manter privilégios de classe. Ela luta, simultaneamente, por sua sobrevivência e pela sobrevivência do capitalismo. [...] O idealismo burguês nos países dependentes precisa pôr de lado seu compromisso com qualquer mudança ou reformismo [...] A sua inflexibilidade e sua decisão para empregar a violência institucional na defesa dos interesses materiais privados, de fins políticos particularistas; e sua coragem de identificar-se com formas autocráticas de autodefesa e de autoprivilegiamento enceta, assim, um último giro, fundindo a república parlamentar com o fascismo. (FERNANDES, 1975b, p. 296).

Esta dupla articulação entre o desenvolvimento desigual interno e a dominação imperialista externa engendra uma dominação burguesa que resiste organizada e institucionalmente às pressões igualitárias das estruturas nacionais sobrepondo-se e negando as imposições integradoras e produzindo uma ordem autocrática que não se converte em ordem democrática. (FERNANDES, 1975b, p. 302)

E finalmente, na década de 1980 Florestan se filia ao PT e na condição deputado federal, nos mandatos de 1987 a 1991 (Assembleia Nacional Constituinte) e 1991 a 1995 retoma sua luta em defesa da escola pública.

Os livros *O desafio educacional* (FERNANDES, 1989) e *A contestação necessária* (FERNANDES, 1995) registram os embates que o parlamentar enfrentou com o Congresso Nacional, os grupos dentro do próprio Partido dos Trabalhadores e demais partidos de esquerda em prol da educação dos de baixo e contra os privilégios dos de cima. Ele reitera a defesa das verbas públicas exclusivas para o ensino público, a democratização radical de todos os níveis de educação, a revolução da escola (os materiais didáticos, as metodologias de ensino e os processos de avaliação), o combate a todo e qualquer tipo de preconceito, exclusão, opressão dentro e fora da escola, a identificação dos professores, gestores e funcionários da educação com as condições de opressão dos de baixo e não com os interesses dos de cima.

Em todos estes momentos Florestan adotou como unidade empírica: a formação social brasileira e, como unidade analítica: o modo de produção

da vida material e imaterial e as formas de interação social. Para tanto, a educação era mediação e mediadora na construção de sociedades menos desiguais e menos violentas sem perder de vista o horizonte revolucionário de uma sociedade de trabalhadora/es livres, iguais e organizados.

O que impulsionou Florestan a pensar sociologicamente o problema educacional brasileiro como um dilema social que ganhava destaque na paisagem da mudança social?

Nossa resposta é: a origem de classe, a ambiência urbana da cidade de São Paulo, o papel da escola e giro epistemológico da sociologia. Ele diz no Prefácio do livro *Educação e Sociedade no Brasil*:

Produzi muitos escritos ao longo da tormentosa Campanha em Defesa da Escola Pública [...]. Tudo se passou como se me transformasse em porta voz dos meus companheiros de infância e juventude [...] O professor universitário falou em nome da antiga criada e lavadeira portuguesa e daquele menino que teve que ganhar a vida antes de completar 7 anos engraxando sapatos, carregando compras etc. Coube-me o dever de levar ao mundo cultivado do Brasil as angústias dos esbulhados [...] não trepidei [...] Professor, sociólogo, socialista- não foi dessas condições que extrai o elemento inconformista que deu sentido à minha participação [...] atirei-me a uma luta desigual e considerei-me como um representante fortuito das massas populares” (FERNANDES, 1966, p. XIX-XX).

Neste momento, em que o mundo reúne mais de 4.800.000 mortes pela Covid 19, sendo mais de 704.000 nos USA e 570.000 no Brasil (JOHN HOPKINS UNIVERSITY & MEDICINE, 05/10/2021) gostaria de destacar que o rigor e estilo hermético de forma e conteúdo na obra de Florestan revelam um sentimento de mundo e uma angústia de quem busca encontrar um lugar para todo/as na sociedade brasileira, latino-americana e periférica alinhada de modo desigual e expropriatório na ordem capitalista global.

A partir de Hegel, diria que Florestan não realizou a poesia do coração mas exercitou a prosa do mundo e foi possuído pela compaixão, este sentimento nos faz mais fraternos, humanos e preocupados com o outro e não fechados em nossas bolhas individuais.

Em 1989, 6 anos antes de seu falecimento, Florestan encerra o livro *Desafio educacional* com a frase:

Temos que quebrar as barreiras que confinam a educação escolarizada, favorecem a desumanização no ensino, preparam os mais pobres para a serem trabalhadores alienados. [...] É preciso acabar com a exclusão do oprimido e varrer de seu corpo e de sua cabeça a aprendizagem que o socialize para ser um cidadão de segunda ou terceira categoria. [...] Esse desdobramento caberá principalmente aos professores como companheiros (e não mestres autoritários a serviço da reprodução da ordem existente). São tarefas histórico-pedagógicas, mais do que matérias de currículo. [...] Eles devem alcançar mentes e corações, na formação do intelecto, na descoberta do mundo, no uso ativo da inteligência criadora, no experimento [...] na recriação da pessoa, da natureza, da sociedade e da cultura. [...] O objetivo último da educação escolarizada não está em ‘fazer a cabeça do estudante’, mas em inventar e reinventar a civilização sem a barbárie. (FERNANDES, 1989, p. 263-264).

Florestan nunca se acomodou a frieza do estilo de vida e da educação burguesa que estimula o distanciamento social, a atitude calculista e a insensibilidade com o sofrimento alheio. Valoriza a competição em detrimento da cooperação, o interesse privado à frente da proteção do bem-comum, o bem-estar econômico à custa do mal-estar ético e moral do coletivo. Fernandes denuncia: “A mesquinharia do trabalhador de gravata e o universo de tricas e futricas da vida pequeno burguesa através dos quais a frustração se dissolve no nível das tensões pessoais e dos entrechoques individuais” (FERNANDES, 1977, p. 151). A frieza é um projeto cognitivo, moral, ético e político em curso nas sociedades burguesas que educa as mentes, os corpos e os corações (GRUSCHKA, 2014).

E no momento em que entrou na sala de cirurgia, antes de vir a falecer Florestan disse uma frase que, a meu ver, retrata sua paixão pela vida: “O que me mantém vivo é a chama do socialismo que está dentro de mim” (FERNANDES, 1995b, p. 5).

Muito obrigada.

## REFERÊNCIAS

- COSTA PINTO, Luis A.; CARNEIRO, Edison. *As ciências sociais no Brasil*. Estudo realizado para a CAPES. Rio de Janeiro: Serie Estudos e Ensaio- 6, 1955.
- FERNANDES, Florestan. *A Sociologia numa era de revolução social*. São Paulo: Editora Nacional, 1963.
- FERNANDES, Florestan. *Educação e Sociedade no Brasil*. São Paulo: Dominus; Ed. da USP, 1966.
- FERNANDES, Florestan. *Elementos de Sociologia Teórica*. 2. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1974.
- FERNANDES, Florestan. *A investigação etnológica no Brasil e outros ensaios*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1975a.
- FERNANDES, Florestan. *A Revolução Burguesa no Brasil*. Ensaio de interpretação sociológica. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1975b
- FERNANDES, Florestan. *A sociologia no Brasil*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1976a.
- FERNANDES, Florestan. *Ensaio de Sociologia geral e aplicada*. 3. ed. São Paulo: Pioneira, 1976b.
- FERNANDES, Florestan. *Folclore e mudança social na cidade de São Paulo*. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1979a.
- FERNANDES, Florestan. *Mudanças Sociais no Brasil*. 3. ed. São Paulo: DIFEL, 1979b.
- FERNANDES, Florestan. *O desafio educacional*. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1989.
- FERNANDES, Florestan. *A contestação necessária*. São Paulo: Ática, 1995a
- FERNANDES, Florestan. Entrevista. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 20 ago. 1995b. Caderno Mais, p. 4-5.
- FERREIRA, Márcia Santos. *Centros de Pesquisas do INEP: pesquisas e políticas educacionais entre as décadas de 1950 e 1970*. 2006. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.
- FREITAG, Barbara. Florestan Fernandes por ele mesmo. *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 10, n. 26, p. 129-172, 1996.
- GRUSCHKA, Andreas. *Frieza Burguesa e educação*. A frieza como mal-estar da cultura burguesa na educação. Campinas, SP: Autores associados, 2014.
- JOHN HOPKINS UNIVERSITY & MEDICINE. *Coronavirus resource centre*. Baltimore, 2021. Disponível em: <https://coronavirus.jhu.edu/map.html>. Acesso em: 5 out. 2021.